

O IDEALISMO ABSTRATO NA NOVELA *A LOUCURA IMAGINOSA*, DE MAXIMIANO CAMPOS

ABSTRACT IDEALISM IN THE NOVEL *A LOUCURA IMAGINOSA*, BY MAXIMIANO CAMPOS

Helen Karla Noé da SILVEIRA¹

Josivaldo Custódio da SILVA²

RESUMO: Esta pesquisa busca analisar a presença de “O idealismo abstrato” na novela *A Loucura Imaginosa*, de Maximiano Campos. O objetivo principal é discutir o comportamento do personagem Turíbio, a partir da tipologia do herói problemático, observando pontos de ligação entre as características do personagem e a teoria de Lukács (2000). A pesquisa, de caráter qualitativo e método explicativo foi desenvolvida a partir um levantamento bibliográfico teórico e crítico, que serviu de base para a discussão dos elementos que caracterizam o comportamento do herói problemático na literatura moderna. Após a análise da novela, a qual compõe o *corpus* para o desenvolvimento da pesquisa, tornou-se possível identificar as características abordadas pela teoria de Lukács, mais especificamente, diante das ações da personagem Turíbio, que tornam evidente a inadequação que existe entre alma e mundo exterior, posto que o referido herói apresenta sinais de dominação demoníaca, loucura e distanciamento do mundo externo, sendo levado por ações inadequadas, insinuando aspectos da alma em seu caráter estreito. Assim, conclui-se que os elementos que compõem a obra, somados aos da teoria, conferem ao texto particularidades em relação ao rigor psicológico e caráter de ação do personagem destacado, colocando-o face a face com o sucesso, ou o fracasso.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira. *A Loucura Imaginosa*. Maximiano Campos. “O idealismo abstrato”.

ABSTRACT: This research seeks to analyze the presence of “O idealismo abstrato” in the novel *A Loucura Imaginosa* written by Maximiano Campos. The main objective is to discuss the behavior of the Turibio character from the typology of the problematic hero, looking for the connection points between character’s particularities and Lukács’s theory (2000). This research is qualitative in nature and explanatory method, developed from a theoretical-critical bibliographic survey, which served as a basis for the discussion of the elements that characterize the behavior of the problematic hero in modern literature. After the analyzing the novel, which composed the body for development of the research, it becomes possible to identify the characteristics addressed by the Lukács’s theory, more specific, in view of Turibio’s actions, which clarify the inadequacy existing between the soul and outer world, as the aforementioned hero shows signs of demonic domination, madness and detachment from

1. Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Mata Norte, Nazaré da Mata-PE, Brasil. PIBIC-CNPq. E-mail: helenkarla73@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7720-6635>.

2. Doutor em Literatura e Cultura pelo PPGL/UFPB, com Pós-Doutorado em Teoria da Literatura, ênfase em Literatura Popular pelo PPGL/UFPE. Professor de Literatura Brasileira e Literatura Popular dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) da UPE – *Campus* Mata Norte, Nazaré da Mata-PE, Brasil, membro do Grupo de Pesquisa CELLUPE. E-mail: josivaldo.silva@upe.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7187-5697>.

the outer world, guided by inadequate actions, hinting at the soul's aspects in its narrow character. Thus, it can be concluded that the elements which composing the work, added to the theory, gave the text particularities related to the psychological rigor and character of action of the highlighted character, putting him face to face with the success or failure.

KEYWORDS: Brazilian Literature. *A Loucura Imaginosa*. Maximiano Campos. "O idealismo abstrato".

Introdução

O estudo acerca da obra de Maximiano Campos ainda é um vasto campo a ser desbravado. Aqui, a pesquisa sobre a novela *A Loucura Imaginosa* mostra-se pioneira ao se apoiar na teoria de "O idealismo abstrato" que possui como um de seus objetivos a discussão sobre a construção do herói problemático na literatura moderna, segundo Lukács (2000). Os pressupostos dessa teoria surgem como bases para o rompimento entre a noção de herói das narrativas modernas e o herói-modelo da epopeia clássica. Sendo este inserido em um mundo de totalidade e de harmonia, voltado para uma visão coletiva e altruísta, enquanto aquele possui um caráter egocêntrico, problemático e demoníaco, reflexo do senso de individualidade, distanciando-se, fortemente, do ideal da coletividade.

A caracterização de idealismo abstrato dá-se como o fruto de uma inadequação, entendida como a divergência existente entre o mundo exterior e a realidade vivida segundo o imaginário do herói. Isso resulta em várias ações externas totalmente aquém da realidade dos demais, uma vez que o personagem se entrega aos hábitos demoníacos e inteiramente abstratos. Essa inadequação resulta, de maneira genérica, em dois tipos, sendo o primeiro o "estreitamento da alma" e, o segundo, a alma mais ampla. Segundo Lukács (2000, p. 99): "No primeiro caso, o caráter demoníaco do indivíduo problemático que, combativo, sai a campo é mais claramente manifesto que no segundo, mas ao mesmo tempo sua problemática interior vem à luz de modo menos gritante". Ainda, de acordo com Goldmann (1976, p. 10), o herói problemático do romance pertencente ao idealismo abstrato se caracteriza por sua "atividade e consciência demasiado estreita em relação à complexidade do mundo".

Assim, esse estudo, de caráter bibliográfico, abordagem qualitativa, natureza básica e com objetivo explicativo será desenvolvido a partir do problema principal: analisar o comportamento do personagem Turíbio na obra *A Loucura Imaginosa*, de Maximiano Campos (2004), sob a ótica de "O idealismo abstrato". Como objetivos específicos temos: discutir os pressupostos teóricos de "O idealismo abstrato"; encontrar as características do herói problemático na obra em destaque; analisar as ações do personagem Turíbio, a partir da tipologia do herói problemático, observando pontos de ligação entre as características do personagem e a teoria proposta; e contribuir para uma melhor percepção crítica dos textos literários de autores pernambucanos.

A novela *A Loucura Imaginosa* dispõe de alusões que permitem a aplicação da teoria, posto que o herói Turíbio, dominado pelo demonismo, apresenta sinais de loucura e distanciamento do mundo externo, sendo levado por ações inadequadas, insinuando aspectos da alma em seu caráter estreito. Portanto, este estudo manifesta sua importância através da análise pioneira da obra do pernambucano Maximiano Campos, pautada nos estudos de Lukács (2000) acerca desse herói “vanguardista”.

1. Uma síntese sobre *A teoria do romance*, de Georg Lukács

Em *A teoria do romance* – texto escrito entre 1914 e 1915, publicado primeiro na “Revista de estética e de história da arte”, de Max Dessoir, em 1916, mas em forma de livro, apenas em 1920 (LUKÁCS, 2000, p. 7) – Georg Lukács classifica o herói moderno de três formas: idealismo abstrato; romantismo da desilusão; e maturidade viril. Esta classificação deriva da inadequação existente entre duas naturezas distintas, que, em conflito, acabam por gerar uma problemática. A primeira natureza diz respeito à interioridade do personagem, ao que, nele, existe de subjetivo. Enquanto a segunda natureza se refere aos fatores externos, ao mundo “que é dado como palco e substrato” (LUKÁCS, 2000, p. 99) para as ações humanas.

As três classes de personagens, discutidas por Lukács (2000), podem ser resumidas das seguintes formas: o idealismo abstrato se manifesta à medida que a segunda natureza se sobrepõe à primeira, fazendo com que o personagem não apresente uma problemática interna, transformando a alma em ações impulsionadas para o externo; já no romantismo da desilusão, é a primeira natureza que irá se sobrepor à segunda, fazendo com que o herói pense mais do que aja. E, por fim, a maturidade viril se caracteriza pelo equilíbrio existente entre as duas naturezas conflitantes.

Com base nisso, Lukács (2000) sugere que a inadequação que existe entre essas duas naturezas, tão cabíveis à configuração dessas categorias de herói contemporâneo, acarrete em uma total ausência de correspondência transcendental, o que faz com que a alma se torne mais estreita ou mais ampla que o mundo exterior. Desse modo, a distância gerada por esse abandono divino, acaba por gerar outras distâncias, como alma/obra, subjetividade/objetividade, interioridade/aventura, na qual uma pode se sobrepor a outra.

A respeito disso, Bakhtin afirma que:

[...] um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema da inadequação de um personagem ao seu destino e à sua situação. O homem ou é superior ao seu destino ou é inferior à sua humanidade (BAKHTIN, 1993, p. 425).

Desse modo, a forma romanesca se configura pela busca do personagem por uma totalidade – vida e essência – em um mundo livre de fantasias e tomado pelo

desencanto. Para Lukács (2000) essa totalidade, que é buscada no romance, existente apenas na cultura grega, pois é vislumbrada apenas na epopeia, uma vez estabelecida o amparo transcendental. Sem ele o herói épico estaria indefeso. Dessa forma, o mundo objetivo e subjetivo se mantem em equilíbrio adequado nas epopeias. Segundo o autor,

[...] o herói sente na exata medida a superioridade do mundo exterior com o que se defronta; apesar dessa modéstia íntima, ele pode triunfar ao final, pois sua força, em si mais fraca, é conduzida à vitória pelo supremo poder do mundo, de modo que não apenas as relações de força imaginárias e verdadeiras correspondem uma à outra, mas também as vitórias e derrotas não contradizem a ordem de fato nem a do dever-se do mundo (LUKÁCS, 2000, p. 100).

Diferentemente disso, o herói moderno apresentado por Lukács é construído com base na inadequação e na ironia pré-determinada, uma vez que o personagem se encontra fadado ao fracasso ou resigna-se à realidade, na busca de compreendê-la, entretanto, ainda assim o herói não consegue triunfar ao final. Dado a essas circunstâncias, Gouveia (2008) afirma que essa ironia, caracterizada pela impotência do personagem, é vista, para Lukács, como o deus do novo mundo.

Com fundamentação nisso, daremos prosseguimento a discussão, focando mais especificamente no herói do idealismo abstrato que servirá como base para análise das ações de Turíbio de Albuquerque, protagonista da novela *A Loucura Imaginosa*, o qual apresenta, de forma evidente, a supremacia da ação, característica pertencente a essa categoria de herói.

2. O idealismo abstrato

“O idealismo abstrato” nos é apresentado, em primeiro plano, como “o abandono do mundo por Deus” (LUKÁCS, 2000, p. 99), o qual se manifesta na inadequação entre a primeira natureza, a alma, e a segunda, exterior a ela, caracterizada como o mundo, e que é fruto desse abandono transcendental às ações humanas. Devido a essa inadequação, a alma torna-se mais estreita ou mais ampla que o mundo exterior.

Dessa forma, Lukács (2000, p. 100) define que “O demonismo do estreitamento da alma, é o demonismo do idealismo abstrato”, o qual possui um herói cuja problemática resulta em uma total ausência de problemática interna, uma vez que a segunda natureza se sobressai à primeira, fazendo com que a interioridade do indivíduo seja suprimida em detrimento do mundo exterior, desencadeando impulsos voltados para fora, sem que haja qualquer reflexão interna, e transformando a alma em pura atividade. Dessa forma, os atos do herói se tornam totalmente desvinculados das esferas da alma e da psicologia, assim, transformando a alma em pura ação, sem propósito, ou razão interna compatível com o mundo externo.

Diante disso, o herói de Lukács não experimenta distâncias com a realidade, perdendo a percepção entre as instâncias de ideal e ideia, entre psique e alma, diferentemente do herói homérico, que possui uma divindade como guia e, embora compreenda que esta possa faltar, triunfa ao final, uma vez reconhecida a sua submissão aos deuses. Já o herói moderno luta por uma causa perdida, sem que haja essa ligação transcendental com as suas ações e adequação entre mundo objetivo e subjetivo. Em virtude do “estreitamento da alma”, o mundo lhe parece também mais estreito do que é de fato.

Esse “estreitamento da alma” atua como uma espécie de consequência gerada por uma obsessão demoníaca do personagem por uma ideia já existente, demarcada pela busca por uma “realidade posta como única e corriqueira” (LUKÁCS, 2000, p. 101), mas que nunca será apreendida. Isso acarreta uma intensificação entre conteúdo e o modo de agir, tornando a alma sublime. Ao mesmo tempo, reforça a heterogeneidade grotesca entre a realidade efetiva e a imaginária, alcançando o ponto mais elevado do romance: “as esferas da alma e dos atos, psicologia e ação, não possuem absolutamente mais nada em comum” (LUKÁCS, 2000, p. 101).

Por conseguinte, a alma repousa aquém de todo fator externo, sendo impossível fazê-la vivenciar qualquer ação. Uma vez alcançada sua transcendência existencial, nada é capaz de colocá-la em movimento – nem mesmo os combates que o herói vivencia em sua trajetória na busca da realização da alma no mundo exterior – ou voltá-la para fora de si mesma, pois repousa intocada e segura. Isso faz com que o herói tenha uma vida baseada em ações inadequadas e sem propósitos, já que os impulsos da alma se convertem em ações para fora, faltando-lhe, assim, toda e qualquer atividade voltada para dentro.

Assim se revela o caráter não-divino dessa obsessão demoníaca, fadada ao fracasso, ao mesmo tempo em que se assemelha ao divino, embora de forma igualmente demoníaca, dado que “a alma do herói repousa, fechada e perfeita em si mesma, como uma obra de arte ou uma divindade” (LUKÁCS, 2000, p. 102-103), o que separa a alma não somente do mundo exterior, mas também de toda fração interna não infectada pelo demônio, sendo as aventuras inadequadas as únicas coisas que podem trazê-la à tona. No entanto, independentemente das ações do herói, que acredita que seus esforços trazem algum resultado no mundo exterior, a realidade continuará a manter a sua forma original como uma massa não-reativa. Assim, a má infinitude e a abstração presente nesse tipo de romance, através do rigor psicológico e do caráter da ação do personagem, acabam por introduzir um risco quanto ao êxito da obra.

Para representar essa forma romanesca, Lukács elegeu a obra de Cervantes, *Dom Quixote*, “cuja obra é a objetivação eterna dessa estrutura” (LUKÁCS, 2000, p. 103). A paródia aos romances de cavalaria conseguiu superar os perigos gerados pela incompatibilidade entre o mundo real e o idealizado, além de ter seu momento de

criação envolto por um período de transição histórico-filosófico, fazendo com que o mais alto representante do herói do idealismo abstrato não tenha surgido por um mero acaso, segundo as palavras do próprio Lukács,

É mais que um acaso histórico que o *Dom Quixote* tenha sido concebido como paródia aos romances de cavalaria, e a sua relação com ele é mais que ensaística. O romance de cavalaria sucumbiu ao destino de toda épica que quis manter e perpetuar uma forma puramente a partir do formal, depois de as condições transcendentais de sua existência já estarem condenadas pela dialética histórico-filosófica (LUKÁCS, 2000, p. 103-104, grifo do autor).

Diante do contexto histórico-filosófico em que se encontrava, o romance de cavalaria estava cada vez mais distante da transcendência antes obtida, uma vez que já se encontrava saturada tanto em forma, quanto em conteúdo, o que ocasionou no surgimento de uma literatura mais voltada ao entretenimento. É justamente neste período em que é criado *Dom Quixote* com uma estrutura totalmente inovadora, durante o momento de transição entre Idade Média e Idade Moderna, sendo capaz de romper com os padrões literários anteriormente estabelecidos, a ponto de ser classificado como o romance de ruptura, e que Lukács aponta como “o primeiro romance da literatura mundial” (LUKÁCS, 2000, p. 106).

Dessa forma, o cavaleiro da triste figura é concebido no exato momento em que os vestígios da idade medieval vão sendo soterrados, ao mesmo tempo que o Deus cristão também vai abandonando o mundo e deixando o homem desamparado.

Lukács descreve esse estágio ímpar, em que Cervantes viveu, como o “período do último, grande e desesperado misticismo, da tentativa fanática de renovar a religião agonizante a partir de si mesma” (LUKÁCS, 2000, p. 106) e que o autor, diante da exigência romanesca do século XIX para um novo tipo de posicionamento do herói frente ao mundo, acaba depositando, em *Dom Quixote*, toda a utopia de mundo perfeito, repleto de heróis dotados de habilidades fantásticas e pouco afetados por conflitos psicológicos. Tudo isso, sob uma perspectiva irônica, dado que o mundo moderno não consegue abarcar o ideal trazido pelo personagem tomado pelo demonismo da alma, o qual, vivencia, em sua imaginação, toda aquela realidade abordada excessivamente nos romances de cavalaria e tão exclusiva às páginas dessas narrativas.

Lukács (2000) utiliza-se, ainda, da obra de Cervantes e do seu caráter patriota para elucidar o período do demonismo mais arraigado, tratando como maior essência dessa problemática o fato de que:

[...] o mais puro heroísmo tem de tornar-se grotesco e que a fé mais arraigada tem de tornar-se loucura quando os caminhos para uma pátria transcendental tornaram-se intransitáveis; que a mais autêntica e heroica evidencia subjetiva não corresponde obrigatoriamente à realidade (LUKÁCS, 2000, p. 107).

Dessa forma, a obra mestra de Cervantes representa a união entre “humor e sublimidade, entre estreitamento da alma e relação com a transcendência” (LUKÁCS, 2000, p. 112) de modo que rompe, definitivamente, todo o elo com a abstração, ou o grotesco, eliminando qualquer risco que a abordagem desse tipo de herói acarreta, e garantindo-lhe as características essenciais para alcançar o êxito.

3. Análise e discussão de dados

A Loucura Imaginosa, de Maximiano Campos (2004), é classificada como uma novela regionalista, a qual tem uma linguagem totalmente apoiada no falar da região da Zona da Mata de Pernambuco. Como o título já sugere, a obra narra a respeito dos devaneios do protagonista Turíbio de Albuquerque, senhor do engenho Paquevira, que começa a confundir a realidade com as histórias de seus livros. A loucura do coronel é instigada por Tancredo, seu afilhado, o qual trava, com o padrinho, algumas aventuras e confusões no decorrer da narrativa.

A partir desse contexto, iremos aplicar a teoria de “O idealismo abstrato”, a qual é entendida como fruto de uma inadequação que, aplicada à obra, compreende-se como a divergência existente entre o mundo exterior e a realidade vivida segundo o imaginário do herói – o personagem –, o que acarreta em várias ações externas totalmente aquém à realidade dos demais. Lukács utiliza-se do herói construído por Miguel de Cervantes, Dom Quixote, para ilustrar essa categoria de personagem, o qual acredita “[...] que tem de tomar o caminho reto e direto para a realização do ideal; que, em deslumbramento demoníaco, esquece toda a distância entre ideal e ideia, entre psique e alma;” (LUKÁCS, 2000, p. 100), de modo a ser comprovado no seguinte trecho de *A Loucura Imaginosa*:

- Traga a minha armadura!
 - Onde está? – perguntou Tancredo.
 - Ali – insistiu Turíbio, apontando novamente.
 - Padrinho, aquilo é o paletó do seu pijama.
- O Coronel fez um gesto largo, para depois exclamar:
- Cavaleiro, essa sua cegueira me entristece! (CAMPOS, 2004, p. 61-62).

Assim como Dom Quixote, Turíbio de Albuquerque apresenta sinais próprios do herói que persegue uma realidade inefetiva. Tancredo, ao tentar contrariar o padrinho e alertá-lo que a armadura, a qual o coronel se referia, era, na verdade, o paletó do pijama, é logo indagado, em tom de desalento por Turíbio, deixando transparecer que aquela realidade, vivenciada conforme o seu panorama, não pode ser contemplada pelos demais.

O coronel também possui vários outros pontos em comum com o personagem Dom Quixote, como o tom irônico e o enlouquecimento repentino, que, segundo o que a narrativa nos permite compreender, é, também, consequência de suas demasiadas leituras, uma vez que fora introduzido da seguinte forma:

Leitor de almanaques, tinha também na sua cabeceira cinco livros que relia sempre; por isso, os volumes já estavam com as capas e páginas amarelecidas e sujas, de tanto serem manuseadas” (CAMPOS, 2004, p. 12).

Logo em seguida, nos deparamos com os sinais de loucura do nosso herói, o qual chegava a um grave estado de agitação ao ler notícias sobre a guerra, mortes e assassinatos, fazendo-o afirmar que “[...] era necessário que algum príncipe valente formasse novamente uma cruzada para varrer os infiéis da face da terra” (CAMPOS, 2004, p. 13).

Outro ponto de relevância a ser considerado para reafirmar a validade da teoria de Lukács (2000), frente à obra em análise, e que vai sendo evidenciado durante a construção da narrativa de Campos, está relacionado ao caráter patriota do nosso protagonista, característica essa usada para elucidar o período do demonismo mais arraigado, tratando como maior essência dessa problemática. Esse patriotismo ingenuamente leal de Turíbio pode ser conferido no trecho a seguir:

– Nesse momento de extremo perigo, assumo os destinos desse reino. Ao amanhecer, Vitória de Santo Antão será libertada. Não queria este comando, nem desejo a glória. Mas a nação precisa de mim, de um homem feito eu, fidalgo e guerreiro para lutar contra essa invasão!

Tancredo, admirado, receoso com a agitação do velho, exclamou sem sentir:

– Não entendi nada. Mas sei que discordar de doido é danado de perigoso! (CAMPOS, 2004, p. 44).

Ante o abandono do mundo por um deus que, agora, figura como um demônio, e graças a inadequação e falta de correspondência dessa divindade, o herói torna-se solitário, somente sendo capaz de encontrar sentido e substância em sua própria alma, que enfeitiçada por maus demônios, anseia pelo mais profundo heroísmo. Apesar de bradar pela pátria, jamais se estabelece em alguma, uma vez que luta uma guerra sem propósito e que, na verdade, sequer existe, para além da sua visão. O que se instaura, na verdade, é a batalha entre a interioridade e a afronta firme do exterior, que não se curva diante das tentativas de reformulação do protagonista.

À vista disso, fica claro que o herói de Maximiano sofre com as consequências de um dado momento da história, o qual não pertence, mas que foi inserido através das suas leituras, as quais também foram responsáveis por instigar o seu patriotismo. Desta forma, podemos perceber as nuances que colocam o “estreitamento da alma” como o princípio

essencial que rege o idealismo abstrato, motivo pelo qual a psicologia se manteve longe do demonismo causador da inadequação existente entre a alma e mundo exterior.

Quando verificado pela ótica de os personagens que não foram afetados pelo deslumbramento demoníaco, esse aspecto da inadequação fica ainda mais perceptível. Isso pode ser conferido através do diálogo curto realizado entre Tancredo e Inácia, empregada que trabalha na casa grande, a respeito dos devaneios do Coronel:

- [...] Passei pelo quarto do meu padrinho, e ele estava fazendo muganga com a espada.
- Espada? Que espada? – perguntou Inácia.
- Com a bengala, ele disse que é uma espada (CAMPOS, 2004, p. 22).

Diante de tudo isso, fica fácil notarmos a inadequação sugerida pela teoria, a qual se manifesta no protagonista Turíbio que, frente à intervenção de Tancredo, mostra-se totalmente distante do mundo exterior, embora este sirva como palco e substrato de suas ações, como esclarece Lukács (2000). No entanto, mesmo que o protagonista interaja com o mundo real, existe uma relação paradoxal, a qual é fruto dessa inadequação entre o mundo subjetivo e objetivo. Isso faz com que as ações do protagonista se tornem inefetivas, visto que afetam apenas o mundo reformulado por ele, em virtude do “estreitamento da alma”, que age de modo a estreitar, também, o mundo pela perspectiva do herói tomado pelo demonismo da alma.

A distância existente entre esses dois mundos, o ideal e o da ideia, nos é apresentado desde o início da narrativa, mesmo que de modo sutil, como se o narrador buscasse alertar, prontamente, ao seu leitor, elementos sobre qual tipo de herói iria compor a história, como é possível observar no trecho:

Era como se o Coronel Turíbio vivesse num tempo descompassado, onde existissem dois tempos em luta: o seu, vivido entre grossas paredes de sua casa-grande, e o dos outros, o que lhe chegava através das notícias dos amigos (CAMPOS, 2004, p. 12).

Essa ideia de descompasso em relação ao protagonista, levantada no texto, vem, logo mais tarde, a ser percebida e retratada como um estado de loucura, como já mencionado, dado que o protagonista vai deixando de experimentar distâncias com a realidade, tornando cada vez mais evidente a característica do “estreitamento da alma”, como pode ser contemplado no fragmento abaixo:

Certa manhã, vestiu sua melhor roupa e, agarrando a bengala como se fosse uma espada, gritou para o afilhado Tancredo, ordenando-lhe que fosse chamar Amaro Paulo, o administrador do engenho. Disse, aos gritos, que queria falar sinceramente com Tancredo e o administrador na sala de visitas da casa-grande que, naquela ocasião, chamou de palácio.

Tancredo, cria do coronel, há muito desconfiava do juízo do padrinho (CAMPOS, 2004, p. 14).

Conforme o texto cresce e toma forma, Turíbio de Albuquerque vai atingindo o mais alto grau do seu delírio, chegando a acreditar ser Fernandes Vieira, militar e senhor de engenho português, que fora um dos principais líderes na batalha para a expulsão dos holandeses de Pernambuco, e Tancredo, seu afilhado, era Henrique Dias, militar e filho de escravos africanos libertos, que também atuou como herói na Batalha do Guararapes.

- Veja, padrinho, já acenderam a fogueira.
- Devem estar tentando incendiar alguma povoação próxima.
- O terraço de Seu Amaro Paulo está cheio de balões.
- Que balões? – perguntou Turíbio como se estivesse com o pensamento distante.
- Balões de papel.
- Ah, sim, devem ser sinais para o inimigo.
- O velho está doido mesmo – exclamou, baixo, Tancredo.
- O que você disse?
- Nada, padrinho.
- Não me chame de padrinho. O meu nome é Fernandes Vieira.
- Mas, espera aí, o senhor não se chama Coronel Turíbio de Albuquerque? Tem outro nome de batismo, outra graça?
- Sou Fernandes Vieira.
- E eu?
- Você é Henrique Dias.
- Essa não, meu nome é Tancredo, sou afilhado do meu padrinho.
- É Henrique Dias, pensa que não conheço você não, é? Você é um negro besta mesmo, só porque é Henrique Dias já quer teimar comigo (CAMPOS, 2004, p. 42-43).

Mediante o fracasso do protagonista, diante de uma realidade efetiva, o nosso herói se encaixa numa natureza voltada para a ausência de uma problemática interna, fazendo com que seus atos se tornem totalmente desvinculados das esferas da alma e da psicologia, assim, transformando a alma em pura ação, sem propósito ou razão interna. É desse modo que o coronel Turíbio é retratado durante o desenrolar de toda a novela, enquanto persegue a ideia de que está vivenciando o período histórico em que ocorreu a invasão holandesa, descrita em um dos seus livros favoritos, *Os Holandeses no Brasil*, de Varnhagen. Essa ideia é vista por ele, desde os primeiros sinais do estreitamento, como a realidade única e corriqueira, embora esteja totalmente desvinculada do real mundo exterior que o cerca:

- Seremos os heróis da Restauração, mataremos os holandeses, libertaremos a nação. Turíbio já lera vários trechos de Varnhagen sobre a invasão Holandesa para Tancredo e Amaro Paulo. Por isso, eles conheciam alguma coisa sobre a história dessa

invasão, embora não acreditassem que tudo aquilo que Turíbio tanto lia, relia e comentava houvesse realmente acontecido.

[...]Amaro Paulo [...] tentou explicar ao patrão:

– Coronel, não está acontecendo nada disso. Até estava para falar com o senhor. Os trabalhadores estão querendo fazer greve.

– O que é greve? Perguntou Turíbio, colocando-se de pé.

– Ah, já sei, está havendo motim nas tropas.

– Eles estão querendo aumento de salário. Cruzam os braços, param o trabalho se o senhor não concordar.

Turíbio deu alguns passos pela sala. Depois, parou e, apontando Tancredo, gritou:

– Negro de braços cruzados, negro apanhando. Mande dar umas lapadas naquele ali!

– Padrinho, está me desconhecendo? Sou eu, Tancredo, seu afilhado.

– Ah, é você, Tancredo! Por onde andava?

– Estava vendo os preparativos da festa que seu Amaro Paulo vai dar na casa dele.

– Festa? Não quero festa no meu engenho. Os mouros estão nas nossas costas. Precisamos é conseguir armas e munição (CAMPOS, 2004, p. 14-16).

Essa obsessão demoníaca acerca de uma ideia fixa e única da realidade do protagonista é fruto do estreitamento da alma, que teima em reafirmar a contradição grotesca entre a realidade efetiva do mundo e essa realidade desvairada, a qual o herói é submerso e que nada é capaz de abalar, pois a alma encontra-se presa e segura, aquém de todo fator externo – e interno, que não tenha sido atingido pelo demônio –, porém, todos os seus atos são voltados para fora, faltando-lhe o que é necessário para uma atividade voltada para dentro. Devido a isso, nenhuma das tentativas realizadas pelos demais personagens, para demonstrar a “verdade”, consegue atingir o protagonista. A perspectiva dele molda a própria realidade, embora o mundo exterior não permita ser manipulado pela sua interpretação. Isso pode ser confirmado no trecho a seguir:

Turíbio de Albuquerque sentou-se num marquesão de jacarandá e, colocando a bengala de castão de ouro atravessada sobre as pernas, voltou a falar com certa gravidade:

– Esse negócio de esquadra nas nossas costas é coisa muito séria. Pode ser uma invasão moura ou francesa.

Amaro Paulo fez um ar de desalento. Era danada aquela situação. O engenho estava precisando de um dono de pulso, e o Coronel dera agora para estas conversas desencontradas (CAMPOS, 2004, p. 15).

Embora o Coronel Turíbio não fosse capaz de reformular o mundo efetivo, segundo a sua ótica particular, as suas ações desenfreadas, geradas pela ausência de contemplação da realidade, garantiam consequências graves para o engenho Paquevira e para os seus trabalhadores:

Desde quando o Coronel começara a viver dizendo besteira, inventando coisas que não aconteciam [...] o engenho estava naquela anarquia, entregue a Amaro Paulo, que tomava conta do barracão e parecia roubar, ao mesmo tempo, o Coronel e os

trabalhadores, que há duas semanas não recebiam os salários. O administrador se aproveitava da caduquice do patrão para ir fazendo o seu 'pé-de-meia' (CAMPOS, 2004, p. 19, grifos do autor).

Turíbio era incapaz de enxergar o que estava ocorrendo diante de si mesmo, pois assim se manifesta o caráter demoníaco e não-divino dessa compulsão que, ao mesmo tempo, se assemelha de forma perturbadora e igualmente demoníaca com o divino. O herói, fechado em si mesmo, só consegue exprimir essa essência dúbia através de suas aventuras inadequadas, como no trecho em que Tancredo cogita desistir de participar das confusões do padrinho, o qual afirma que resistirá só, comprovando a divindade e loucura de sua alma:

[...] Turíbio levantou-se e se dirigiu até a grande janela aberta.

– Olhem além da janela desta tenda. Lá estão as bandeiras desfaldadas. Vejam as minhas tropas e os seus estandartes guerreiros!

– Onde, padrinho?

– Ali em frente!

– Mas, padrinho, aquilo é o canavial. Só estou vendo as folhas e as flechas das canas.

Turíbio voltou a se sentar na cama e disse para Tancredo com um ar de desolação:

– Cavaleiro, o senhor está ficando cego.

– Coronel, deite-se. Repouse mais um pouco! – aconselhou Inácia, penalizada.

O coronel tornou a falar:

– Viram que luta? Foi uma bela batalha.

– É, mas essa história terminou numa confusão danada. Ouvei Seu Amaro dizendo que o meu padrinho está precisando de um doutor para tratar do juízo, parece até que vai mandar avisar a sua sobrinha que mora no Recife. Eu é que não quero mais saber desse negócio de guerra. O que eu gosto, mesmo, é de tocar a viola e de pegar passarinho. Só me meti nisso para acertar umas contas com Seu Amaro Paulo.

– Pode debandar, você é um imbecil. Está abandonando a pátria, o seu comandante e imperador ferido. Mas eu resistirei só (CAMPOS, 2004, p. 60-61).

Nesse contexto, Tancredo, que costumava alimentar os devaneios do padrinho visando um acerto de contas com o administrador do engenho, Amaro Paulo, cogita se distanciar de toda aquela circunstância, devido ao seu esgotamento gerado pelo rumo que as coisas vinham tomando, embora tenha mudado de ideia e optado por continuar inserido naquela situação formada essencialmente por ações impulsivas e desnorteadas de Turíbio. O coronel, vislumbrando aquele cenário bélico, perceptível somente através da sua perspectiva de mundo, acaba apresentando uma postura frustrada mediante a suposta cegueira de Tancredo, que não afetado pelas tentativas do padrinho de reformular o mundo efetivo, não consegue suprir as expectativas criadas por ele.

Toda essa intensidade trazida pelo herói, no seu estado de possessão demoníaca, tem como objetivo elevar a alma à mais alta sublimidade, ao mesmo tempo que reafir-

ma sua condição mais grotesca e distante da realidade efetiva. Seu momento crucial está justamente amparado no dado instantâneo em que “[...] as esferas da alma e dos atos, da psicologia e ação, não possuem absolutamente mais nada em comum.” (LUKÁCS, 2000, p. 101). Assim que atingido esse estado máximo, torna-se ainda mais notório o enclausuramento da alma do protagonista, uma vez que esse estado de plenitude a coloca tão distante de uma realidade efetiva que, aprisionada em si mesma se torna intocada até mesmo por outros espaços internos não aprisionados pelo demônio, fazendo com que todo e quaisquer estímulos, internos e externos, se tornem inefetivos frente ao que busca. Vejamos abaixo:

- Quem são aqueles prisioneiros? – Perguntou Turíbio, sem responder a Tancredo nem a Inácia, apontando além da janela.
- Que prisioneiros?
- Aqueles! – apontou a esplanada do engenho.
Inácia foi até lá e deu uma olhada.
- Não são prisioneiros, são os trabalhadores que forma falar com Seu Amaro Paulo [...].
- São meus guerreiros, não me engano!
- São os seus trabalhadores – Tancredo tentava explicar.
- São meus prisioneiros holandeses, não teime! – insistiu Turíbio (CAMPOS, 2004, p. 61).

Muito embora os demais personagens insistissem em tentar alertar o coronel sobre os seus equívocos desvairados e sobre as confusões que, conseqüentemente, se instauravam, Turíbio enxergava apenas aquilo que a sua alma ansiava, em sua condição mais profunda e sublime.

Como consequência dá má administração do engenho Paquevira, em um outro contexto, Silvino, que era o vigia, desejava um acerto de contas com João Magreza, um dos trabalhadores de Turíbio, que, mesmo após ver os seus colegas desistirem da greve e saírem em busca de novos empregos, se recusara a deixar o engenho e manchar a sua dignidade, mesmo que isso lhe custasse a vida. João também desejava enfrentar Silvino, a quem atribuía a culpa por todas as suas misérias, passando a acreditar, assiduamente, que enfrentá-lo lhe traria o livramento necessário, fazendo com que fosse de encontro ao conflito certo. O resultado do embate foi a trágica morte de ambos os personagens, o que serviu para a partir da ótica do coronel, “reafirmar” os seus devaneios, dado que, de acordo com o seu estreitamento da alma, a ocorrência foi vista por ele como a guerra estabelecida entre seus “soldados” e os holandeses.

[...] Silvino e João Magreza já estavam frente a frente. Puxaram as armas, Silvino não fez uso do rifle, arrastou um punhal e João, a sua faca peixeira. Atracaram-se, sem dizer uma palavra. Amaro Paulo surgiu e debruçou-se sobre os dois. Tancredo correu para o local, e Turíbio, sem poder acompanhá-lo na carreira, vinha mais atrás, em passos ligeiros.

– Patrão, que desgraça! – disse o administrador a Turíbio, constatando que os dois homens estavam mortos.
Turíbio, desembainhando a espada, gritou:
– É a guerra!
Tancredo, confuso com o que assistira e os versos que parecera ouvir, falou cabisbaixo:
– Coitados de Silvino e João Magreza! Meu padrinho falou tanto em guerra, que terminou havendo luta e sangue derramado (CAMPOS. 2004, p. 97).

Por mais grandioso que seja aquilo que a alma partiu em busca, a falta de correspondência entre as esferas da alma e da realidade faz com que o estreitamento da alma se manifeste, no texto supracitado, apenas em seu caráter negativo, uma vez que toda a ação do protagonista se apoia na irracionalidade. O herói que persegue a ideia fixa aprendeu que somente através de suas aventuras inadequadas conseguirá atingir os seus objetivos. Assim, o personagem tomado pelo demonismo, gerador do idealismo abstrato, ao contemplar qualquer ocorrência que lhe permita experimentar, com maior intensidade os seus ideais ilusórios, tem a sua alma cada vez mais impulsionada à ruína, pois “[...] toda a vitória sobre a realidade é uma derrota para a alma, já que a enreda cada vez mais, até a ruína, no que é alheio a sua essência;” (LUKÁCS, 2000, p. 116).

A má infinitude e abstração causada pelo rigor psicológico e caráter da ação do protagonista, acaba por adicionar um ponto crítico à teoria, fazendo com que a obra trace uma linha tênue entre o sucesso e o fracasso. Um risco que só pode ser superado, à medida que a narrativa alcança a harmonia entre sublimidade e loucura, de forma a tornar esses componentes indissociáveis.

Considerações finais

O presente estudo buscou discutir os elementos característicos da teoria de “O idealismo abstrato”, de Lukács, presentes nas ações do protagonista da novela regionalista de Maximiano Campos, *A Loucura Imaginosa*.

A novela *A Loucura Imaginosa* apresenta elementos narrativos que permitem a aplicabilidade da teoria proposta, uma vez que o herói Turíbio, dominado pelo demonismo, apresenta sinais de loucura e distanciamento do mundo externo, sendo levado por ações inadequadas, revelando aspectos da alma em seu caráter estreito.

Desse modo, podemos concluir que as ações que compõem a obra, a partir dos elementos da teoria aplicada, conferem ao texto uma particularidade em relação a seu rigor psicológico e caráter de ação, colocando o personagem Turíbio face a face com o sucesso, ou o fracasso em relação ao mundo criado pelo herói.

O resultado da análise contribui para os estudos acerca do herói problemático de obras contemporâneas da literatura brasileira. Trata-se de um estudo pioneiro

quanto à abordagem desse tipo de herói na obra citada, por discutir aspectos do idealismo abstrato na narrativa, a qual possui como principal modelo dessa categoria de herói o personagem Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, além de evidenciar a literatura pernambucana.

Portanto, o personagem Turíbio se apresenta como mais um exemplo de herói problemático dentro da literatura brasileira contemporânea, personagem de uma obra fortemente marcada pelo discurso quixotesco e regionalista.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernadini *et al.* São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993.

CAMPOS, Maximiano. *A Loucura Imaginosa*. Recife: Bagaço, 2004.

GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOUVEIA, Arturo, A ironia estrutural no romance. In: RABELO, Lúcia Sá; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Construções literárias e discursivas da modernidade*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LUKÁCS, Georg. O idealismo abstrato. In: _____. *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, p. 99-117.